

06 de outubro de 2020

Boletim n. 05 – A questão étnico-racial em tempos de crise

No Boletim n. 05, *Marina Lara (UFMT)* demonstra como em tempos pandêmicos se acentuam velhos conceitos xenofóbicos levando o mundo a conviver em plena crise de saúde, com outra crise, a da etnofobia contra orientais, especialmente chineses, decorrente do fato do novo coronavírus ter sido identificado na cidade chinesa Whuan. Diante disso, então, a autora nos convida à reflexão sobre o papel dos sistemas culturais, das mídias e dos indivíduos como agentes sociais capazes de ressignificar suas culturas e tradições em prol de uma “cultura da solidariedade”.

O inimigo invisível tem olhos puxados: reflexão étnico-racial em tempos de crise

Por Marina Lara



Foto: Homem negro e mulher oriental, de máscara, se abraçam. Foto por Julian Wan. Disponível em <<https://unsplash.com/photos/DWaC44FUV5o>>, acesso em 04 de outubro de 2020.

Todos os dias somos lembrados das abruptas mudanças causadas em nossas vidas pela pandemia do novo coronavírus. O mundo passa por uma crise grave segundo Boaventura de Souza Santos (2007): escolas vazias, trabalhos remotos, fronteiras fechadas, barreiras sanitárias e, todos os dias, milhares de vidas perdidas. As crises

06 de outubro de 2020

Boletim n. 05 – A questão étnico-racial em tempos de crise

econômicas que os países enfrentam se mostram cada dia mais acentuadas, e as reações pessoais dos indivíduos frente à crise de caráter global não são comuns a todos. O cenário reforça desigualdades já existentes e cria novas: ter olhos puxados e ousar espirrar na fila do pão nunca pareceu tão constrangedor. Sabemos que o coronavírus acaba sendo mais prejudicial para algumas classes sociais subalternizadas (Spivak, 2010) e que ninguém está imune por sua cor, sexo, gênero ou etnia. Além disso, percebemos que a escolha de quem será acometido pelo vírus do preconceito é do ser humano – vivemos a crise da etnofobia.

O vírus foi identificado, inicialmente, em Wuhan, província de Hubei, China (HUANG et al, 2020), logo, *a culpa é do povo de olhos puxados*¹. Diversos casos de etnofobia foram registrados ao redor do mundo. No Japão, a *hashtag* #ChineseDon'tCometoJapan (Chineses não venham ao Japão) esteve entre as mais comentadas na rede social *Twitter* no mês de fevereiro. Em contrapartida, uma reação foi vista por parte dos descendentes de chineses que vivem na França: uma campanha com a *hashtag* #JeNeSuisPasUnVirus (“Eu não sou um vírus”) foi iniciada no mesmo mês para que as pessoas pudessem compartilhar as barbáries vividas em decorrência de sua etnia oriental. Além disso, no dia 2 de fevereiro, quando os Estados Unidos da América proibiram a entrada no país de estrangeiros que estivessem vindo da China, muitos relatos dos receosos vizinhos canadenses demonstravam o medo de seu país ser uma escala dos chineses.

Edward Said, em sua célebre obra *Orientalismo* (1978), demonstra como alguns conceitos transpõem a barreira do tempo e se mostram severamente atuais. O que se nota no período pandêmico, frente aos exemplos supracitados, é uma clara fronteira criada por nossas mentes acerca dos orientais: *eles* vivem *lá*, num espaço territorial e com uma mentalidade diferente da nossa. O que não nos é familiar, são *eles*. O que nos é familiar diz respeito a *nós*. Ao *eles*, em geral, é negado um lugar no plano humano, com um pensamento primitivo: os seres humanos civilizados identificam-se em contraposição ao selvagem no mundo *lá fora* (Benedict, 2013). Neste sentido, evidencio a importância da noção de cultura e das chamadas teias de significado (Geertz, 1989) que envolvem cada fato social total (Mauss, 2003). Claramente nos vemos diante do chamado esnobismo racial, uma vez que a “civilização nunca teve maior necessidade de pessoas realmente cientes do aspecto cultural, capazes de ver o comportamento socialmente condicionado de outros povos de maneira objetiva, sem medo nem recriminação” (Benedict, 2013, p. 18).

Assim sendo, percebo que as discussões em torno das questões étnico-raciais vão muito além da noção particular do indivíduo: é preciso falar sobre sistemas culturais, mídias e outros agentes que não só reforçam como também criam comportamentos

¹ Este modo de falar, percebido durante uma pesquisa iniciada no mês de março, é utilizado pelos nativos – especialmente os chamados negacionistas, para fazer referência aos orientais.

06 de outubro de 2020

Boletim n. 05 – A questão étnico-racial em tempos de crise

avessos ao que, realmente, necessitamos no momento. Devemos retomar a ideia da importância do nosso papel social enquanto cidadãos de um Estado: não somos indivíduos condicionados a agir dentro do que as tradições fizeram de nós, “mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Estamos sempre em processo de formação cultural” (Hall, 2003, p. 44).

O que se espera é que todos nós possamos tomar consciência de que é hora de nos tornarmos seres, verdadeiramente, humanos. É necessário que nossos preconceitos sejam superados e que sejamos capazes de passar “do olho biológico, do olho orgânico, para o olho cultural, que é um órgão educado pela tradição” (Moura, 2004, p. 226). Afinal, “as lentes através das quais uma nação olha para a vida não são as mesmas que outra nação utiliza. É difícil ser consciente dos olhos através dos quais o outro olha” (Benedict, 2019, p. 16). Que possamos olhar nossos irmãos de olhos puxados - e todos os que tiverem olhares diferentes do nosso - com os olhos do coração: cultura da solidariedade.

Referências

BENEDICT, Ruth. *Padrões de Cultura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

———. *O crisântemo e a espada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HUANG, C. *et al.* *Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China*. *Lancet*, v.395, n.10223, p. 497-506, 2020.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MOURA, M. *Nascimento da antropologia cultural: a obra de Franz Boas*. São Paulo: Hucitec, 2004.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do Vírus*. Coimbra, PT: Edições Almedina, 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 2010.

06 de outubro de 2020

Boletim n. 05 – A questão étnico-racial em tempos de crise

Marina Lara é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso/ UFMT.

Este texto é parte de uma série de boletins sequenciais sobre a questão étnico-racial em tempos de crise que será publicada ao longo das próximas semanas. Trata-se de uma ação conjunta que reúne a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e a Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM). Esse é um esforço para continuar dando visibilidade ao que produzimos e afirmar a relevância dessas ciências para o enfrentamento da crise que estamos atravessando.

A publicação deste boletim também conta com o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC/SC), da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE), da Associação Nacional de Pós-Graduação em História (ANPUH), da Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (Anpur).

Acompanhe e compartilhe!

